

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

REVISITANDO O CANGAÇO NO SÉCULO XXI: UMA ABORDAGEM  
HISTORIOGRÁFICA

VITOR ALVES DA SILVA

Delmiro Gouveia,  
2024

VITOR ALVES DA SILVA

REVISITANDO O CANGAÇO NO SÉCULO XXI: UMA ABORDAGEM  
HISTORIOGRÁFICA

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à banca examinadora como requisito para obtenção do título de licenciado em História pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão.

Orientador: Professor Dr. Pedro Abelardo de Santana.

Delmiro Gouveia,  
2024

## Folha de aprovação

VITOR ALVES DA SILVA

### REVISITANDO O CANGAÇO NO SÉCULO XXI: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de História da Universidade Federal de  
Alagoas, como requisito parcial para obtenção do  
grau de licenciada em História.

#### Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 PEDRO ABELARDO DE SANTANA  
Data: 16/11/2024 22:26:06-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Orientador: Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana  
Universidade Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente  
 VINICIUS ALVES DE MENDONÇA  
Data: 30/11/2024 07:53:57-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Examinador interno: Prof. Me. Vinicius Alves de Mendonça  
Universidade Federal de Alagoas

---

Examinador externo: Prof. Me. Ayrton Matheus da Silva Nascimento  
Universidade Federal de Sergipe

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e pela oportunidade de ser a primeira pessoa da minha família a se formar em um curso de graduação e principalmente em uma Universidade Pública Federal. Segundamente agradecer a todos meus professores e professoras da educação básica e dizer que eles foram exemplos para que eu pudesse chegar até aqui.

Gostaria de agradecer a todos os meus amigos e colegas do ensino médio no Instituto Federal de Alagoas – Campus Piranhas por me incentivarem e me apoiarem na minha decisão em cursar História. Fazendo um adendo eu gostaria de agradecer em particular a Mônica Vieira, Gustavo da Silva e Ane Caroline (meu grupo de estudo), agradecer por sempre estarem ao meu lado e me fazer tornar quem sou hoje.

A toda minha família por todo apoio, especialmente a minha mãe Girleide Alves da Silva.

Ao prof. Dr e orientador, Pedro Abelardo de Santana pela excelente contribuição e aprendizado e a todos os professores do curso a quem devo muito conhecimento.

A todos os meus colegas da turma que ingressaram em 2019.2 e aos que encontramos no caminho ao longo dos períodos. E também aos meus amigos e colegas pessoal que sempre acreditaram no meu potencial e me incentivavam.

Ao Campus Sertão no geral pelo acolhimento, do porteiro, zeladores e demais funcionários que fazem o Campus funcionar. Agradeço também aos professores especialmente da área de História por contribuírem com minha formação acadêmica e humana.

## **RESUMO**

O presente trabalho objetiva fazer uma análise de duas obras clássicas sobre o fenômeno do cangaço no sertão nordestino no século XX. Para isso, busquei fontes da autoria de Gustavo Barroso para entender por que ele trata o cangaço como um banditismo social, Ruy Facó para entender por que ele trata o cangaço como um movimento social. Ambos os livros foram publicados nos anos 1960. Para esta análise, faço uso de outros trabalhos sobre o pensamento de Barroso e Facó. A metodologia é revisar a bibliografia sobre o cangaço e entender como essa temática era abordada no período ao qual essas obras foram desenvolvidas.

**PALAVRAS CHAVES:** Cangaço; Sertão nordestino; Historiografia.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze two classic works on the phenomenon of cangaço in the Northeastern backlands in the 20th century. To this end, I sought sources written by Gustavo Barroso to understand why he treats cangaço as a form of social banditry, and Ruy Facó to understand why he treats cangaço as a social movement. Both books were published in the 1960s. For this analysis, I use other works on the thinking of Barroso and Facó. The methodology is to revisit the bibliography on cangaço and understand how this theme was addressed in the period in which these works were developed.

**KEYWORDS:** Cangaço; Northeastern backlands; Historiography.

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO .....	8
2 – RUY FACÓ: PENSAMENTO E DEFESA DO CANGAÇO COMO QUESTÃO SOCIAL .....	9
3 - GUSTAVO BARROSO: PENSAMENTO E COMBATE INTELLECTUAL CONTRA O CANGAÇO .....	14
4 - CONSIDERAÇÃO FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS .....	22

## 1 - INTRODUÇÃO

O cangaço surgiu entre o final do século XIX e começo do XX, em fins do Império e início da República, se estendendo até 1938, ultrapassando um pouco o período conhecido como República Velha. Surgiram no Nordeste brasileiro grupos de homens armados conhecidos como cangaceiros. Estes grupos apareceram em função, principalmente, das péssimas condições sociais e econômicas da região nordestina. O latifúndio, que concentrava terra e renda nas mãos dos fazendeiros, deixava às margens da sociedade a maioria da população, sem contar que os oprimiam. Se não já bastasse a seca predominante na região Nordeste, as cargas de impostos altíssimas que assolava o povo sertanejo também se encaixa como um motivo para o surgimento desse movimento denominado cangaço.

O presente trabalho traz como tema central ou como objeto de estudo o cangaço na historiografia brasileira dos anos 1960, especificamente na região Nordeste. Tema esse que possui uma vasta bibliografia a seu respeito, o que diferencia é a questão de pontos de vista de autores e suas linhas de pensamentos, dentre as mais importantes podemos destacar algumas (Barroso, 1917; 1931; 1962; Facó, 1963). Partindo desse princípio, a problemática do presente trabalho é estudar quais são as abordagens historiográficas brasileiras e nordestinas que abordam o cangaço como banditismo e questão social. Levando isso em consideração, trabalhei com referências como Gustavo Barroso, Rui Facó e Vinicius Ribeiro, buscando compreendê-los através das suas abordagens. Gustavo Barroso traz uma abordagem mais para o lado do banditismo social, Rui Facó pensa de uma maneira diferente destacando o cangaço como um movimento social e o Vinicius Ribeiro desenvolve um estudo equiparando essas duas vertentes.

Esta pesquisa tem caráter teórico, de cunho bibliográfico, que se encaixa numa abordagem da história social. Faz uso do método comparativo, uma vez que compara os pensamentos dos autores Rui Facó e Gustavo Barroso, apresentando as críticas pessoais, e apresentando também as críticas de outros estudiosos desses autores (Ribeiro, 2021), cujo objetivo é entender suas divergências e convergências. O presente trabalho tem por objetivo analisar as obras de Gustavo Barroso e Rui Facó sobre o cangaço, identificando as concepções dos autores, comparando suas ideias, interpretando suas obras e, por último, fazer um balanço historiográfico e crítico do que foi estudado, buscando contribuir para a investigação de temas relacionados ao sertão alagoano (Santana, 2023).

Quanto aos objetivos é uma pesquisa que visa explorar o pensamento dos dos autores

citados sobre o cangaço. Como não conseguimos abranger quase um século de pesquisas, a cronologia escolhida é os anos 1960, período em que as duas obras foram publicadas.

## 2 – RUY FACÓ: PENSAMENTO E DEFESA DO CANGAÇO COMO QUESTÃO SOCIAL

A obra *Cangaceiros e Fanáticos* (1963), de Ruy Facó é composta por quatro partes. De início é apresentado um prólogo, que é uma introdução sobre a obra. Em seguida, vem a parte I intitulada O despertar dos pobres do campo, parte II Canudos e o Conselheiro e por fim a parte III Juazeiro e o padre Cícero. Para falar também um pouco sobre a luta de classes que existiu no Brasil, Facó (1960) escreve um livro intitulado *Brasil Século XX*.

Em 15 de abril de 1963, falecia, vítima de um trágico acidente aéreo, um dos mais importantes pensadores e militantes comunistas da década de 1960. O avião Douglas DC-6B, da companhia Lloyd Aéreo Boliviano, teria decolado de Arica, no Chile, com destino a La Paz, na Bolívia. As condições péssimas do voo foram relatadas ao longo do percurso, chegando o piloto a afirmar que já não possuía visibilidade alguma, era um voo cego. O destino final de todos os passageiros e tripulantes já se sabe: todos morreram. O intercurso contra as rochas nas proximidades do vulcão Tacora não poupou sequer uma das 39 pessoas que ocupavam a aeronave (Santos, 2014, p. 22 *apud* Ribeiro, 2021, p. 89).

Naquela data, Facó já viajava a trabalho pela revista *Novos Rumos*, com agenda preenchida para ocasiões futuras, como para o lançamento de seu livro *Cangaceiros e Fanáticos*, lançado como obra póstuma oito dias depois de seu falecimento. Na data, Luís Carlos Prestes autografa pelo autor, morto na tragédia. Depois de *Cangaceiros e Fanáticos*, seu texto mais relevante foi *Brasil Século XX*, lançado em 1960 (Ribeiro, 2021, p. 90).

Ruy Facó (1913-1963), um dos mais destacados intelectuais brasileiros do século XX, desempenhou um papel crucial na análise do cangaço, fenômeno social e histórico que marcou profundamente o Nordeste do Brasil entre os séculos XIX e XX. O cangaço é frequentemente associado à figura de bandoleiros que, vivendo à margem da lei, percorriam o sertão em busca de sobrevivência e justiça segundo seus próprios códigos. A análise de Facó sobre o cangaço vai além da simples romantização desses personagens. Ele se aprofunda nas raízes sociais, econômicas e políticas que deram origem a esse fenômeno, oferecendo uma visão crítica e complexa sobre o tema. Para a análise na historiografia, foi utilizado a primeira parte do livro *Cangaceiros e Fanáticos* (1963), sobre os pobres do campo.

Rui Facó, filho de Gustavo e Antonieta, nasceu em 4 de outubro de 1913, no mesmo estado de Gustavo Barroso. Barroso é filho da capital do Ceará, enquanto Facó tem seu início de vida em uma cidadezinha chamada Beberibe, que se localizava a 73 quilômetros de Fortaleza. Estabelecendo comparações entre Gustavo Barroso e Rui Facó, existem mais semelhanças do que simplesmente o estado em que nasceram. Rui Facó também era filho de uma família tradicional cearense, com algumas posses a mais do que a maioria na região. Não chega a nada tão relevante quanto os grupos oligárquicos que dominavam o local, mas foi o suficiente para que tivesse uma educação de qualidade, inclusive com a possibilidade de estudar no Liceu do Ceará, quando se mudou para Fortaleza. Pouco tempo passou em Beberibe, seu percurso o encaminha a Fortaleza, posteriormente a Salvador, Rio de Janeiro, Moscou e Praga (Santos, 2014, p. 120 *apud* Ribeiro, 2021, p. 90).

Sua trajetória é marcada pelo engajamento em questões sociais e políticas do Brasil, sobretudo no Nordeste, onde a desigualdade e a miséria eram (e ainda são) profundamente enraizadas. Facó atuou como jornalista, professor e escritor, sempre alinhado às ideias marxistas, o que influenciou significativamente suas análises sobre a realidade brasileira. (Ribeiro, 2021).

É amplamente conhecido por sua obra *Cangaceiros e Fanáticos* (1963), na qual ele explora o cangaço e o fanatismo religioso, fenômenos que, segundo ele, são expressões da mesma matriz social: a opressão dos pobres pelos poderosos. O autor argumenta que o cangaço é uma resposta direta às condições de vida extremamente duras no sertão nordestino, exacerbadas pela concentração de terras e poder nas mãos de poucos coronéis, que exerciam controle total sobre a vida econômica e política da região. Vejamos no trecho a seguir:

Tiveram, esses inúmeros surtos de "fanatismo" e de cangaceirismo, as suas causas internas e externas. As condições internas que os geraram vamos encontrá-las, precisamente e antes de tudo, no monopólio da terra, cujas origens remontam aos tempos coloniais, com a divisão do Brasil em capitânicas hereditárias e a subsequente concessão das sesmarias, as quais deram origem aos latifúndios atuais. Estes constituem, de há muito, ao lado do domínio imperialista em ramos básicos da economia do País, um dos dois grandes obstáculos ao nosso pleno desenvolvimento econômico, social, político e cultural (Facó, 1963, p. 13).

O cangaço, na visão de Facó, não pode ser entendido apenas como uma série de ações criminosas ou de banditismo isolado. Para ele, o cangaço é uma manifestação das lutas de classes, uma forma de resistência dos oprimidos contra as injustiças impostas pelos grandes proprietários de terra e pelo Estado, que frequentemente atuava em conluio com esses poderosos. Através dos cangaceiros, as populações marginalizadas do sertão encontravam uma forma de expressar sua insatisfação e buscar uma espécie de "justiça" que o sistema legal

lhes negava: “Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma "saída" nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos "fanáticos", em torno dos beatos e conselheiros, sonhando a conquista de uma vida melhor” (Facó, 1963, p. 18).

Outro ponto que podemos destacar segundo Facó é o atraso econômico ao qual o Nordeste do país passava em relação as outras regiões do país, então ele destaca:

O monopólio da terra e o trabalho escravo impediram, por sua vez, ou dificultaram muitíssimo o advento da tecnologia moderna. Só nos últimos vinte anos vêm-se efetuando mudanças, com a mecanização da agricultura em escala razoável, mas ainda assim acompanhando a linha defeituosa do desenvolvimento desequilibrado de nossa economia: um Sul capitalista e um Norte mergulhado no atraso semifeudal. (1963, p. 13).

As raízes do cangaceirismo podemos destacar, vem principalmente desse monopólio da terra no Nordeste do país, esse monopólio nada mais é do que a concentração da terra nas mãos de poucos, geralmente os senhores detentores de grandes extensões de terras, muitos bens e dinheiro. Facó destaca que todo esse atraso nessa região tem suas influências:

Foi ainda o monopólio da terra que nos reduziu ao mais lamentável atraso cultural, com o isolamento, ou melhor, o encarceramento em massa das populações rurais na nossa hinterlândia, e que chamamos Sertão, estagnada por quatro séculos. Analfabetismo quase generalizado. Ignorância completa do mundo exterior, mesmo o exterior ao sertão, ainda que nos limites do Brasil. A única forma de consciência do mundo, da natureza, da sociedade, da vida, que possuíam as populações interioranas, era dada pela religião ou por seitas nascidas nas próprias comunidades rurais, variantes do catolicismo (1963, p. 14).

Foi todo esse cenário de atraso em vários segmentos que vão aparecendo esses homens que vão encabeçar o que vem a ser o cangaceirismo, vejamos:

A situação dos pobres do campo no fim do século e mesmo em pleno século XX não se diferenciava daquela de 1856. Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma "saída" nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos "fanáticos", em torno dos beatos e conselheiros, sonhando a conquista de uma vida melhor. E muitas vezes lutando por ela a seu modo, de armas nas mãos. Eram eles o fruto da decadência de um sistema econômico-social que procurava sobreviver a si mesmo (Facó, 1963, p. 18).

Podemos observar que o debate sobre o que hoje no século XXI chamamos de reforma agrária, que é a reorganização da estrutura fundiária, dar oportunidade ao pequeno produtor de ter a terra para produzir, ele já começa a existir e ao mesmo tempo ele já começa a inquietar e incomodar os grandes latifundiários. Assim como Bastos (1867) destaca:

Na década de 60 do século passado, sem adotar uma posição extremada, Tavares Bastos sugere medidas em favor da pequena propriedade, achando mesmo que "há casos em que mais convenha ao Estado ceder gratuitamente a terra para quem se proponha a cultivá-la. Em todos os seus trabalhos está sempre presente, embora da maneira mais cautelosa, a questão agrária. Mas o simples fato de, já naquela época, debater o problema, indica que ela inquietava uma parcela das classes possuidoras.

(*apud* Facó, 1963, p. 21)

Para Ribeiro (2021), Facó explora a figura do cangaceiro como um rebelde social, que, embora muitas vezes violento e cruel, representava, para muitos sertanejos, um símbolo de resistência contra a opressão dos coronéis. Em sua análise, ele também discute a ambiguidade moral do cangaceiro, que, ao mesmo tempo em que lutava contra os poderosos, também podia se tornar um tirano para as próprias comunidades sertanejas. Essa dualidade é central para entender o cangaço como um fenômeno complexo, que não pode ser reduzido a meras categorias de "bem" e "mal".

Uma das contribuições mais importantes de Facó é a ligação que ele faz entre o cangaço e a estrutura agrária do Nordeste. Ele argumenta que o latifúndio e a concentração de terras criaram um ambiente propício para o surgimento do cangaço. Os grandes proprietários de terra, conhecidos como coronéis, exerciam um poder quase absoluto sobre a vida no sertão, controlando não apenas as terras, mas também as instituições políticas e religiosas. Nesse contexto, os camponeses viviam em condições de extrema pobreza e exploração, sem acesso a recursos básicos e constantemente sujeitos à violência (Ribeiro, 2021).

Facó destaca que o cangaço surge como uma resposta a essa realidade opressora. Os cangaceiros, muitas vezes oriundos das próprias classes exploradas, utilizavam a violência como uma forma de redistribuir recursos e desafiar a autoridade dos coronéis. Contudo, Facó também reconhece as limitações dessa forma de resistência, que muitas vezes resultava em novos ciclos de violência e opressão, sem alcançar mudanças estruturais profundas na sociedade. Facó destaca que em meio a todo esse processo de exploração, fome, seca e miséria surge dois tipos de reação por parte dos pobres:

Contra a fome e a miséria que aumentam com a seca, manifestam-se dois tipos de reação da parte dos pobres do campo: a) a formação de grupos de cangaceiros que lutam de armas nas mãos, assaltando fazendas, saqueando comboios e armazéns de víveres nas próprias cidades e vilas; b) a formação de seitas de místicos - fanáticos - em torno de um beato ou conselheiro, para implorar dádivas aos céus e remir os pecados, que seriam as causas de sua desgraça (1963, p. 34).

Tratando-se do período ao qual o autor se debruça a estudar o movimento do cangaço. Fica evidente que o bem mais precioso para o homem pobre do campo seria a terra por que através da mesma seria possível que ele tirasse seus próprios sustentos, porém devido aos grandes latifúndios isso torna-se impossível, logicamente a partir desse entrave é que vão dando início as construções dos bandos, do cangaceirismo etc. Mas é importante destacar também que “[...] não é só no monopólio da propriedade fundiária que reside a matriz do cangaço; era em todo o atraso econômico, no isolamento do meio rural, no imobilismo social,

na ausência de iniciativas outras que não fossem as do latifundiário - e as deste eram quase nenhuma” (Facó, 1963, p. 41).

Facó destaca que apareceram teorias de que o cangaço teve seu auge por que no sertão nordestino não havia polícia, porém ele prova ao contrário:

Tem-se opinado também que o cangaceirismo advinha da ausência de policiamento nas regiões interioranas profundas. Todos os fatos provam o contrário: quando a polícia apareceu para combater o cangaço, teve o mérito de exacerbá-lo (1963, p. 41).

Para Facó (1963), o exemplar mais famoso entre os cangaceiros é Virgulino Ribeiro da Silva, vulgo Lampião, descendente de uma morigerada família de pequenos criadores e cultivadores do município de Serra Talhada, Estado de Pernambuco. A exemplo do que aconteceu com o Conselheiro, com Antônio Silvino e tantos outros, famílias poderosas locais, os Nogueiras e Saturninos, perseguem a sua família (p. 62). A partir do momento ao qual Lampião e sua família começam a passar por essa perseguição ocorrem outros embates e se dará início a peregrinação de vinte anos do Rei do Cangaço, contabilizados após a morte de seu Ribeiro, pai de Lampião em meados de 1918-1919. Diz o autor:

Vale salientar aqui este fato de real importância: o cangaceirismo se tornou um fenômeno tão significativamente social que não foi pequeno o número de mulheres que participaram de suas ações na fase do apogeu. Das mulheres, a mais famosa é Maria Bonita, mas se contam, entre outras, Enedina, abatida juntamente com ela, Inacinha, mulher de Gato, Sebastiana, mulher de Moita Brava e Dada, mulher de Corisco (Facó, 1963, p. 66).

Além do cangaço, Facó também aborda o fanatismo religioso como outro fenômeno social decorrente das condições de vida no sertão. Ele traça um paralelo entre o cangaço e os movimentos messiânicos, como o de Canudos e o do Padre Cícero, que, segundo ele, também são respostas à opressão e à miséria. No entanto, enquanto o cangaço se manifesta através da violência e da resistência armada, o fanatismo religioso canaliza o desespero das massas através da fé e da crença na intervenção divina (Ribeiro, 2021).

Facó argumenta que o fanatismo religioso no sertão é, em muitos aspectos, uma resposta ao mesmo sistema de exploração que gerou o cangaço. Para ele, a religiosidade popular no Nordeste, marcada por cultos messiânicos e figuras carismáticas, reflete a busca das massas por uma forma de redenção e justiça em um mundo profundamente injusto. Contudo, ele também critica o papel da religião na manutenção do *status quo*, uma vez que, líderes religiosos eram cooptados pelos coronéis ou pelo próprio Estado para controlar e pacificar a população.

Ruy Facó oferece uma análise profunda e crítica do cangaço, contextualizando-o

dentro das complexas relações sociais, econômicas e políticas do Nordeste brasileiro. Sua obra não apenas ilumina as causas subjacentes ao surgimento dos cangaceiros, mas também questiona as simplificações e estereótipos frequentemente associados a esse fenômeno. Para Facó, o cangaço é mais do que um mero capítulo de violência na história do Brasil; é uma manifestação das lutas de classes, uma expressão da resistência popular contra a opressão, embora limitada e contraditória (Ribeiro, 2021).

Ao relacionar o cangaço com a estrutura agrária e a religião no Nordeste, Facó nos oferece um quadro abrangente e complexo da realidade sertaneja, evidenciando as interconexões entre diferentes formas de opressão e resistência. Sua análise continua sendo relevante para a compreensão não apenas do passado, mas também das dinâmicas sociais e políticas que ainda marcam o Brasil contemporâneo.

### 3 - GUSTAVO BARROSO: PENSAMENTO E COMBATE INTELECTUAL CONTRA O CANGAÇO

A obra *Almas de lama e de aço* (1928), é composta por alguns curtos capítulos. A seguir destacaremos sobre o que cada capítulo aborda: começa com o banditismo, depois sebastianismo, coronelismo e cangaceirismo, Padre Pedro, antecedentes dos cangaceiros, policiaes, coroneis, até finalizar com o Lampião.

Gustavo Barroso (1888–1959) foi, antes de tudo, um intelectual de seu tempo. Preocupado em analisar a sociedade em que vivia escreveu sobre diversos assuntos, dentre eles a política e a cultura, mais especificamente o folclore, chegando a ter participações significativas nestas áreas, como a direção do Museu de História Nacional e com posto importante na Ação Integralista Brasileira na década de 1930. Um dos assuntos que transitam entre suas zonas de interesse é o fenômeno do Cangaço (Ribeiro, 2021, p. 29).

Na época em que se interessa pelo tema pouco se tinha escrito sobre o assunto, principalmente sobre as causas que possibilitavam sua existência, dadas que as dimensões do Cangaço crescem com o tempo, alcançando sua proporção máxima sob o comando de Lampião na transição da década de 1920 a 1930. Visto que o Cangaço não era apenas uma característica regional do Nordeste e sim um problema a ser resolvido, o autor se dedica a analisar esta modalidade de banditismo mesmo lhe sendo contemporâneo e com vistas a soluções prováveis, dadas as circunstâncias em que vivia a parcela do sertão que convivia com o Cangaço cotidianamente (Ribeiro, 2021, p. 29).

É uma das figuras mais significativas da literatura e historiografia brasileira, especialmente no que tange à sua contribuição para o entendimento das realidades sociais do Nordeste do Brasil. Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso nasceu em Fortaleza – CE, em 29 de dezembro de 1888, filho de Antônio Filinto Barroso — membro de uma família rural do Ceará — e Ana Dodt Barroso — descendente de imigrantes alemães — cursou seus primeiros anos escolares ainda no Ceará, no colégio Partenón Cearense, em 1898. O Colégio tinha sido fundado há algumas décadas antes da entrada de Gustavo Barroso e foi responsável por seus estudos primários (Ribeiro, 2021, p. 30).

Após sua formação inicial, Barroso entrou no curso secundário no Liceu do Ceará, em 1899, completando seus estudos até 1906. Este colégio possuiu crucial importância em sua formação, e Barroso, em memória, recorda com carinho daqueles anos ali. Dos anos de 1939 a 1941, o autor lançou três obras memorialistas sobre esse período vivido no Ceará, e o título do segundo texto recebe o nome da instituição, comprovando que sua passagem ali se tornou um marco em sua vida, um pedacinho do Ceará lembrado saudosamente em contos por toda a vida (Moreira, 2006, p. 9, *apud* Ribeiro, 2021, p. 30).

Terminado os estudos no Liceu do Ceará, inicia-se não apenas na imprensa redigindo textos no jornal “A República”, em 1906, como também ingressa na Faculdade de Direito do Ceará no ano seguinte. O jornal era atrelado à oligarquia dos Accioly, família marcada por esquemas de corrupção e práticas coronelistas e de nepotismo (Moreira, 2006, p. 9 *apud* Ribeiro, 2021, p. 30).

Pouco tempo depois, Barroso se torna oposição aos Accioly e passa a atuar em jornais adversários, escrevendo em artigos e publicando-os em revistas de grande visibilidade nacional, como *A Careta* e o *Tico-Tico*. Nesse mesmo período já se mostrava homem convicto do que acreditava e expunha sua opinião publicamente, como ficou registrado em seu texto de 1909, intitulado *A Derrocada* (Moreira, 2006, p. 9–11, *apud* Ribeiro, 2021, p. 31).

Ribeiro (2021), enfatiza que em 1917, é lançado *Heroes e Bandidos*. Nele, seu estudo mostra o cangaceiro como anormal, mas, também, como valente que sobrevivera em solo infértil e de educação escassa, com pouca atenção do governo federal. Em 1923, Barroso realiza um de seus maiores feitos: a entrada na Academia Brasileira de Letras. Ocupando a cadeira 19, foi largamente reconhecido dentro da instituição chegando à presidência desta. Outra instituição que ganhou corpo e nome com Gustavo Barroso na presidência foi o Museu de História Nacional (MHN), na qual foi presidente de 1922 até 1959, ano de sua morte – com exceção de 1930 e 1932 pois não exerceu o mandato. Foi um dos principais escritores a tratarem sobre a temática do banditismo.

O fenômeno do banditismo é algo que não está ligado e relacionado apenas ao sertão

nordestino brasileiro. Ribeiro (2021) afirma:

Os surgimentos de banditismos sempre estiveram ligados a um contexto, por vezes semelhantes entre si, mas dispersos no globo, como quem indica que sua produção não é decorrente apenas de fatores regionais, mas socioculturais. Há algum tempo, intelectuais que se prontificaram a estudar o banditismo chegaram a esta conclusão. No Brasil, Gustavo Barroso, como um dos principais estudiosos do banditismo, como também do Cangaço, clareou muitas destas questões após 1912 (2021, p. 36).

Grande parte de tudo que Barroso escreveu girou em torno de um só eixo: o sertão nordestino. Vejamos:

Na obra *Heroes e Bandidos* reconhecendo nesta espécie de banditismo “[...] o mais importante fenômeno da rude vida do sertão [...]” (Barroso, 1917, p. 15), no qual preocupa-se em apresentar as principais causas do Cangaço, os principais tipos de cangaceiros e os principais grupos em atividade ou que ficaram conhecidos. (Barroso, 1917, p. 15 apud Ribeiro, 2021, p. 36).

No sertão, também reside o berço de seus estudos folclóricos já mencionados, tal como considerações que alcançam zonas naturais, como a vegetação (Barroso, 1962, p. 15 apud Ribeiro, 2021, p. 36).

Em 1912, Barroso menciona o Cangaço na obra *Terra de Sol*, mas o faz rapidamente e, depois, volta ao tema em 1917 com mais afinco, determinado a pensar mais especificamente a questão do Cangaço, dedicando toda obra ao tema (Ribeiro, 2021, p. 36).

Não satisfeito, em 1931 retorna e redige um último texto, *Almas de Lama e Aço*, em vista a se deter de tudo que tornara seu texto desatualizado desde 1917 e atualizar suas conclusões após a passagem de treze anos, durante os quais se colocou mais afeito a alguns diagnósticos que a outros (Ribeiro, 2021, p. 36).

Barroso destaca em *Heroes e bandidos* (1917), que o banditismo tem uma de suas raízes proveniente do meio ao qual o indivíduo vive, vejamos:

O meio como produtor deste homem sertanejo é produtor de miserabilidade. Para além do desamparo social, o meio por si só já justificaria a luta das pessoas que ali vivem contra condições de maior grandeza, como o clima e a fome: o segundo, quase sempre, fruto do primeiro. Para fundamentar este argumento, historicamente, basta-nos rememorar a seca de 1877 através de seus relatos, e também perscrutar um pouco sobre a literatura ficcional produzida a partir deste evento. Secas como estas privaram os habitantes destas regiões das necessidades mais básicas, e são carências como estas que, muitas vezes, motivam a busca de respostas através da criminalidade (Barroso, 1917, p. 21 apud Ribeiro, 2021, p. 39).

Talvez o principal sacrilégio que Gustavo Barroso destaca de todas as causas tenha sido mesmo a ausência da educação. Mesmo com as consequências da falta de auxílio na saúde pública ou mesmo na falta de estradas, a ausência da educação seria o culminar do cangaceirismo epidêmico. Essa falta é tão latente que o autor relembra intervenções jesuítas na educação, realçando que foram os últimos professores do sertão, e que depois disso, o sertanejo não saberia nem mesmo reconhecer as cores (Barroso (1917) apud Ribeiro, 2021, p. 48). Sua proposição de requerimento à educação poderia até mesmo vir de sua própria experiência. Gustavo era filho de

proprietário de terras e imigrante, dono de uma educação valorosa, dado que pertencia ao estado considerado um dos principais berços do banditismo, como ele mesmo destaca. O alvorecer de seus estudos secundários foi no Liceu do Ceará, colégio de renome desde o século XIX que possuía em sua grade de disciplinas todos os componentes essenciais para a formação de um indivíduo (Ribeiro, 2021, pp. 48).

A obra *Almas de lama e de aço*, publicada em 1928, é um dos livros mais importantes de Barroso sobre o tema do cangaço. Neste trabalho, ele oferece uma interpretação densa e multifacetada da vida e da psicologia dos cangaceiros, ao mesmo tempo em que retrata o contexto social e econômico do Nordeste brasileiro. O título da obra já sugere a dualidade presente na análise de Barroso: "lama", remetendo à miséria e às condições precárias dos sertanejos, e "aço", evocando a dureza e a resistência dos cangaceiros (Ribeiro, 2021).

Barroso (1928) destaca que o cangaço surgiu em um contexto de extrema desigualdade social e econômica no sertão nordestino. As secas frequentes, a falta de oportunidades econômicas e a ausência do Estado em diversos quesitos criaram um ambiente propício para o surgimento de grupos armados que viviam à margem da lei. Esses grupos, conhecidos como cangaceiros, eram compostos por homens (e algumas mulheres) que se rebelavam contra as injustiças sofridas e, ao mesmo tempo, buscavam se impor pela força em uma sociedade que lhes negava qualquer tipo de ascensão social.

A energia barbara do homem do sertão nordestino, precisando manifestar-se por injunção da própria força e não achando como, naquelle meio atrasado e pobre, vae naturalmente perder-se no crime. Eis ahi a primeira causa do banditismo que continuamente assóla aquellas paragens (Barroso, 1928, p. 11).

Para Barroso (1928),

Sendo o banditismo o resultado de uma energia barbara e sem direcção, não póde ser vencido por outra energia barbara e tambem sem direcção. As policias lançadas contra os cangaceiros são geralmente peores do que elles e taes violencias praticam que o sertanejo pacifico contra ellas se revolta e prefere acoutar os criminosos que a desafiam.

Então o que nós podemos indenficar com essa passagem é que quase sempre os cangaceiros por mais ruins que sejam, ganham apoio da população ao invés de serem entregues à polícia (Estado).

Sabemos que o fenômeno do cangaço tem o seu grande apogeu em fins do século XIX e meados do século XX, porém Barroso (1928) destaca que esse fenômeno do banditismo vem de períodos anteriores a estes:

Desde o periodo colonial do capitão-mór João Carlos de Oyenhausen e Grevenburgo, que os prendia pessoalmente e os remetia a ferros para o Limoeiro de Lisbôa, no porão dos barcos, que o sertão atravessa epocas de pleno banditismo, em

que os Antonios Silvinos e os Lampeões dão leis, e de calma superficial como a do governo de que participei (p. 14).

O autor vai destacar que o banditismo é um fenômeno ao qual o Estado e somente ele poderia colocar um ponto final, a partir disso ele cita algumas medidas que seriam possíveis:

O problema é, antes de tudo, talvez, de natureza econômica. Dêem-se-lhes comunicações, transportes, instrução e justiça. Somente um conjunto de medidas dessa ordem acabará de vez com os cangaceiros, productos de uma causalidade complexa que unicamente uma serie complexa de providencias poderá extinguir (Barroso, 1928, p. 15).

Ao mesmo tempo que Barroso destaca que o problema do banditismo poderia ser combatido pelo Estado, ele destaca que o apoio a esse fenômeno adivinha principalmente dos grandes chefes políticos, é como se houvesse uma troca de favores, interesses:

A protecção a cangaceiros foi sempre praticada em grande escala pelos chefes políticos do interior do Nordeste, muito especialmente do Ceará; e é essa uma das razões por que os governos fracos tiveram de se submeter ao cangaceirismo e porque os governos fortes nunca puderam de todo acabar com elle (Barroso, 1928, p. 24).

O cangaço teve uma forte ligação com o coronelismo, os coroneis dependiam dos cangaceiros e os cangaceiros dependiam dos coroneis, ou seja, era uma troca mútua e a única esfera que poderia por fim a esse ciclo seria o Estado. Porém não através de violência, mas sim resolvendo os problemas ao qual o Nordeste brasileiro passava naquele determinado período (Ribeiro, 2021).

Em *Almas de lama e de aço*, Gustavo Barroso também trata o cangaço como um fenômeno social e histórico, refletindo sobre as condições que permitiram o surgimento e a perpetuação desse tipo de banditismo. Ele descreve o cangaço como uma forma de resistência, mas também de subversão da ordem estabelecida, onde os cangaceiros, através da força bruta, tentam criar uma nova ordem, ainda que temporária e local (Ribeiro, 2021).

Barroso explora a ideia de que o cangaço não pode ser compreendido fora do contexto de abandono e exploração do sertão nordestino. Ele critica a ineficiência do Estado brasileiro e a conivência de parte das elites locais, que, por vezes, utilizavam os cangaceiros como mercenários em suas disputas particulares. Assim, o cangaço emerge, na visão de Barroso, não apenas como uma expressão de violência, mas como uma manifestação de um sistema de opressão e exploração que se perpetua no Nordeste, como podemos ver na passagem a seguir:

A justiça está nas mãos dos poderosos. A força vence o direito. Não ha assistencia de serviços publicos, não ha instrução e não ha prophylaxia. Agricultura e comercio arrastam-se atrasados, acabrunhados pelos impostos excessivos. A política serve somente para perseguições pessoases, ajudada pela policia. E o bacamarte erige-se, em defensor, em vingador e em justiceiro (Barroso, 1928, p. 32).

É importante destacar que o fenômeno do cangaço começa seus primeiros passos segundo Barroso lá no Ceará em meados do século XIX principalmente com Antonio Thomaz, um homem destemido, dono de escravos, corajoso e valente. Costumava dizer que era selvagens contra selvagens, e a culpa do banditismo se alastrar no Nordeste brasileiro era totalmente do Estado. Um grande exemplo que podemos citar é a questão de egressos da polícia se tornarem cangaceiros por que viam as defasagens que o Estado não se obrigava em cumprir como Barroso (1928) destaca “Rápido estudo do banditismo na região nordestina demonstra que uma das melhores fabricas de cangaceiros são as policias estadoaes, na maioria compostas de egressos do crime, nas fileiras, e de homens brancos, crueis ou adstrictos ás politiquices locaes, nos commandos”. Isso ocorria por que as entidades policiais só agiam em prol das elites da época e os cangaceiros agiam ao contrário, ou seja, agiam em prol dos sertanejos pobres, porem agiam atraves do banditismo saqueando os mais ricos, as fazendas, os fazendeiros, comerciantes etc. Com isso a população tinha medo do Estado (polícia), mas não tinha medo dos cangaceiros (bandidos). Para isso Barroso vai destacar:

O sertanejo detesta o policial. Vê nelle o seu maior inimigo. Apellida-o caximbo, macaco, pitéo, mata-caxorro. Enquanto o bandido, muitas vezes de fundo romantico, quixotêsko, saqueia o rico e distribue o que tem com o pobre, o soldado de policia persegue o pobre e ajuda o rico, o chefão das villas e cidades, nas suas vinganças e tyrannias. Alem disso, como mercenario, falta-lhe mesmo a coragem, o denôdo cangaceiral que as canções popularizam e a alma do povo compreende e admira comovida (1928, p. 54).

[...] Os nossos conterraneos do sertão têm mais receio dos defensores da ordem do que dos proprios bandidos (1928, p. 60).

O autor para comprovar a fragilidade da polícia nordestina e a incapacidade de exercer sua função, destaca:

Os exemplos mostram que os bandidos sertanejos quase sempre procuram fazer com suas mãos a justiça que lhes negaram magistrados, policias e governos. De mim sei que, na maioria dos casos, prefiro os cangaceiros sem farda aos cangaceiros de farda. Aquelles são muitas vezes almas de aço. Estes raramente não são almas somente de lama” (Barroso, 1928, p. 69).

Um dos aspectos mais inovadores da obra *Almas de lama e de aço* é a tentativa de Barroso de explorar a psicologia do cangaceiro. Para o autor, os cangaceiros são figuras complexas, formadas por um misto de coragem, desespero, ódio e desejo de vingança. Ele argumenta que o cangaceiro é uma "alma de aço" porque a dureza de sua vida no sertão o forja em um ser implacável, que não teme a morte e está disposto a tudo para sobreviver e impor sua vontade (Ribeiro, 2021).

Ao mesmo tempo, Barroso enfatiza a "lama" que também compõe a alma do cangaceiro. Essa lama simboliza as origens humildes e miseráveis desses homens e mulheres, que muitas vezes são empurrados para o cangaço por falta de alternativas. Essa dualidade é central na obra de Barroso, que busca humanizar o cangaceiro sem justificar seus atos, mostrando-o como um produto das condições desumanas de vida no sertão (Ribeiro, 2021).

Barroso explora a ideia de que o cangaço não pode ser compreendido fora do contexto de abandono e exploração do sertão nordestino. Ele critica a ineficiência do Estado brasileiro e a conivência de parte das elites locais, que, por vezes, utilizavam os cangaceiros como mercenários em suas disputas particulares. Assim, o cangaço emerge, na visão de Barroso, não apenas como uma expressão de violência, mas como uma manifestação de um sistema de opressão e exploração que se perpetua no Nordeste (Ribeiro, 2021).

Falar em Cangaço é indispensável não falar em Virgulino Ribeiro da Silva, vulgo Lampião. Até vimos que o Cangaço ele não surge com o próprio, porém ganha a dimensão que ganha através dele entre os décadas de 1920-1930. O que é importante de se estacar é que todo cangaceiro começa por ser um revoltado e acaba sendo bandido.

Lampeão surge aos olhos dessa gente como um simbolo triumphante da revolta popular contra o mau compreendido principio de autoridade. Repete-se o phenomeno passado com todos os grandes cangaceiros: os Brilhantes, os José Antonios, Adolfo Meia-Noite, Liberato Nogueira ou Antonio Silvino (Barroso, 1928, p. 92).

Barroso destaca como se dá a entrada de Lampião no mundo do cangaço, algo que não foi em vão.

Lampeão é uma victima do seu meio. Numa de suas correrias pelo sertão, a policia pernambucana matou o pae de Lampeão e deu em sua mãe tamanha surra que ella falleceu tres dias depois. Louco de indignação e raiva, sem ter para quem appellar, vendo impunes os réos fardados de tamanha brutalidade, Lampeão e um irmão tornaram-se cangaceiros. De accordo com o espirito duma canção sertaneja, procuraram no bacamarte as leis que decidissen a questão por falta de outras (1928, p. 94).

Gustavo Barroso utiliza uma linguagem rica e evocativa, mesclando a narrativa histórica com elementos de ficção e crônica. Sua escrita é marcada por descrições detalhadas e vívidas do sertão, dos personagens que habitam essa região e dos eventos que marcaram a história do cangaço. Barroso consegue capturar a brutalidade do cangaço, ao mesmo tempo em que dá voz à complexidade emocional e moral de seus personagens.

O estilo de Barroso, em muitos aspectos, antecipa a literatura regionalista que viria a dominar a literatura brasileira nas décadas seguintes. Ele não apenas narra os eventos do cangaço, mas os insere em um quadro mais amplo de análise social e econômica, fornecendo

uma visão crítica das estruturas de poder e das injustiças que marcam o sertão (Ribeiro, 2021).

Gustavo Barroso oferece uma análise que vai além do simples relato dos acontecimentos, buscando compreender as motivações e as circunstâncias que levaram ao surgimento de um fenômeno tão marcante quanto o cangaço. Sua obra permanece relevante porque oferece uma visão crítica e profunda das dinâmicas sociais do Nordeste brasileiro, que ainda hoje ecoam em diversos aspectos da realidade brasileira. Ao humanizar os cangaceiros e inseri-los em um contexto mais amplo de exploração e resistência, Barroso contribui para uma compreensão mais nuançada e complexa de um dos fenômenos mais fascinantes e trágicos da história do Brasil.

#### 4 - CONSIDERAÇÃO FINAIS

Ao revisitar o cangaço sob uma perspectiva contemporânea, buscou-se neste trabalho compreender como as interpretações sobre estas características históricas foram revisitadas e reinterpretadas ao longo do tempo. Partindo de uma abordagem historiográfica, foi possível perceber que o cangaço, longe de se restringir a uma narrativa fixa, apresenta-se como um tema repleto de complexidades e debates, influenciados pelas mudanças sociais e pelos avanços nas metodologias historiográficas.

Visto inicialmente como uma manifestação de violência e banditismo, o cangaço passou, a partir das últimas décadas, a ser interpretado também como uma resposta às desigualdades sociais e políticas que permeavam o sertão nordestino. Essa nova leitura permitiu uma análise mais abrangente dos fatores que desenvolveram para a sua ascensão e para o seu impacto social, cultural e até simbólico. O movimento de ressignificação do cangaço na historiografia do século XXI reflete o amadurecimento da historiografia brasileira, que cada vez mais valoriza as vozes regionais e as perspectivas alternativas da história, enriquecendo o conhecimento sobre esse específico tema.

Além disso, uma análise historiográfica revelou que o cangaço ainda exerce um papel significativo na memória cultural nordestina, sendo frequentemente evocado em manifestações artísticas, culturais e literárias. A imagem do cangaceiro transcendeu o estigma de “fora da lei” para se tornar, em muitos casos, símbolo de resistência, força e identidade regional, o que demonstra o poder simbólico que este movimento possui no imaginário coletivo.

Por fim, este estudo também busca destacar a importância de novas investigações e abordagens sobre o tema. A revisitação de características históricas como o cangaço sob um olhar contemporâneo e plural contribui para que a história do Brasil seja contada de maneira mais inclusiva e diversificada. Espera-se, portanto, que este trabalho tenha oferecido uma contribuição relevante para o campo de estudos sobre o cangaço e tenha demonstrado a riqueza dessas características enquanto objeto de investigação histórica.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Tavares. **Memória sobre a emigração**. Rio de Janeiro: s.l.p., 1867.

BARROSO, Gustavo. **Almas de Lama e de Aço: Lampião e Outros Cangaceiros**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1928.

BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos** (os cangaceiros de Nordeste). São Paulo: Liv. Francisco Alves, 1917.

BARROSO, Gustavo. **Terra de Sol: Natureza e costumes do Norte**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

FACÓ, Rui. **Brasil Século XX**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1960.

FACÓ, Ruy. **Cangaceiros e Fanáticos**. Gênese e Lutas. Rio de Janeiro: Edições UFC/Civilização Brasileira, 1963.

MOREIRA, Afonsina Maria Augusta. **No norte da saudade: Esquecimento e memória em Gustavo Barroso**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

SANTANA, Pedro Abelardo de. Do local ao regional: reflexões sobre a produção histórica no campus do Sertão, Delmiro Gouveia, AL, 2010-2022. In: **Anais eletrônicos XXXII Simpósio Nacional de História da ANPUH**, 2023. Disponível em: [https://www.snh2023.anpuh.org/resources/anais/11/snh2023/1693016198\\_ARQUIVO\\_44c186f167c9feb34f4fcfb2ee9a487a.pdf](https://www.snh2023.anpuh.org/resources/anais/11/snh2023/1693016198_ARQUIVO_44c186f167c9feb34f4fcfb2ee9a487a.pdf) . Acesso 04/08/2024.

RIBEIRO, Vinícius Ferreira. **A historiografia do Cangaço revisitada: três matrizes interpretativas**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Goiás, Morrinhos, 2021.